

SÍLVIO COELHO DOS SANTOS

Orlando SAMPAIO SILVA

No dia 26 de outubro do ano recém-findo, faleceu, em Florianópolis, aos 70 anos de idade, o antropólogo Sílvio Coelho dos Santos. A Universidade e a Antropologia brasileiras perderam um dos seus mais importantes estudiosos de culturas e sociedades indígenas e um ardoroso combatentes em defesa dos direitos indígenas em nosso país.

Sílvio Coelho dos Santos, jovem, projetou cursar Direito (conforme me disse pessoalmente); porém, veio a formar-se em História (em 1960), para dedicar-se ao ensino e à pesquisa da Antropologia Indígena em sua longa vida acadêmica. Possuía todos os títulos acadêmicos e era Professor Titular da Universidade onde fez sua licenciatura, a Federal de Santa Catarina-UFSC, da qual foi Pro-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, e Pró-Reitor de Ensino. Tendo dado início ao seu trabalho na UFSC em 1962, logo dedicou-se ao ensino e à pesquisa da matéria de sua eleição, a Antropologia. Foi Coordenador da Pós-Graduação em Ciências Sociais, Chefe do Departamento de Ciências Sociais e Diretor do Museu Antropológico da Universidade. Era Professor Emérito da UFSC, pesquisador sênior do CNPq., sócio emérito do Instituto Histórico e Geográfico de Sta. Catarina, foi secretário regional, em seu estado, da SBPC, e foi presidente da Associação Brasileira de Antropologia.

Muito jovem, Sílvio foi para o Rio de Janeiro como aluno de Roberto Cardoso de Oliveira no Curso de Especialização em Antropologia Social (na terceira turma desse curso, em 1962), que era (e continua sendo) ministrado no Museu Nacional da UFRJ. Foi durante este curso, que Sílvio esteve com os índios Tükúna, de Mariuaçú, no extremo leste do estado do Amazonas.

Em 1972, defendeu seu Doutorado, conquistando o título de Doutor em Ciência (Antropologia) na Universidade de São Paulo. Sua tese se constitui no mais fundamental estudo existente no país sobre os índios Xoklég, tendo como ponto de apoio para sua pesquisa de campo o Posto Indígena Ibirama, na Reserva Indígena Ibirama, e o Toldo São João dos Pobres, em Santa Catarina. A Banca Examinadora no doutorado de Sílvio foi constituída dos professores Egon Schaden, Roberto Cardoso de Oliveira, Luiz Pereira, Ruy Coelho e João Batista Borges Pereira (orientador). Sua tese veio a ser publicada na forma de livro sob o título “Índios e Brancos no Sul do Brasil – A dramática experiência dos Xoklég”.

Sílvio foi, também, um competente historiador que desenvolveu diversos projetos de pesquisas históricas, cujos resultados vieram a ser publicados em artigos em periódicos acadêmicos e em livros. Era membro da Academia Catarinense de Letras.

Além das investigações de cunho estritamente acadêmicos que concretizou entre sociedades indígenas - Tükúna, Kaingáng, Guarani, Xetá, e especialmente a dos Xoklég -, Sílvio empenhou-se como um cruzado na luta em defesa dos direitos dessas sociedades à terra em que vivem, dando ênfase à questão do afetamento de terras e sociedades por

construções de barragens de hidroelétricas em diferentes partes do território nacional, na Região Sul, assim como no Nordeste e no Norte. Individualmente ou associado a colegas, entre os quais Paul Leslie Aspelin, Dennis Werner, Neusa Sens Bloemer e Aneliese Nacke, Sílvio procedeu esses estudos, empenhou-se em campanhas e em movimentos humanísticos e publicou textos com os quais buscava a conscientização da sociedade nacional e de políticos e administradores, objetivando o salvamento das terras indígenas para os indígenas e a adoção de alternativas de produção de energia elétrica com o emprego de tecnologias limpas e não impactantes no meio ambiente, tais como as usinas eólicas e a energia solar. Com objetivos tais como esses, Sílvio atuou junto aos parlamentares constituintes, durante a elaboração da Constituição de 1988, a fim de que a Carta Magna contemplasse, como de fato veio a acontecer, direitos das sociedades indígenas existentes no Brasil às terras em que vivem, assim como de viverem segundo os seus padrões sociais e culturais.

Na década de 70 e primeira metade dos anos 80, o país se encontra sob a ditadura militar. As Reuniões da ABA, que deveriam realizar-se de dois em dois anos, não estavam ocorrendo regularmente devido às dificuldades institucionais e às restrições ao direito de reunião e de expressão livre das idéias impostas pelo sistema político dominante. Foi nesta situação política que Sílvio, em sua condição de professor da UFSC, se empenhou e conseguiu realizar três reuniões da maior importância para a história da Antropologia Brasileira e para as lutas em favor das sociedades indígenas. Por sua ação decisiva, a UFSC acolheu, em 1974, a 9ª Reunião Brasileira de Antropologia. A partir desse encontro científico, as Reuniões da ABA voltaram a efetivar-se em sua periodicidade regulamentar. Ciente das lutas judiciais e da necessidade de fundamentações jurídicas com relação aos pleitos das sociedades indígenas em defesa de suas terras, Sílvio promoveu, em 1980, em Florianópolis, a reunião de um grupo expressivo de antropólogos e advogados sob o tema “O Índio Perante o Direito”, e, na mesma cidade, em 1983, fez efetivar-se novo encontro de significativo número de antropólogos e advogados no conclave sobre “Sociedades Indígenas e o Direito”. Tenho pessoalmente a satisfação de registrar que participei destes três eventos históricos. Em decorrência destes encontros de antropólogos e advogados, foram publicados os livros “O Índio Perante o Direito (Ensaio)”, Sílvio Coelho dos Santos (organizador), Ed. da UFSC (1982) e “Sociedades Indígenas e o Direito – Uma questão de direitos humanos”, Sílvio Coelho dos Santos, Dennis Werner, Neusa Sens Bloemer e Aneliese Nacke (Organizadores), Ed. da UFSC – CNPq. (1985).

Sílvio, como professor e orientador de projetos de mestrado e doutorado e de inúmeros outros projetos de pesquisas antropológicas, foi o grande formador de antropólogos em seu estado natal. Era coordenador do Núcleo de Estudos de Povos Indígenas-NEPI do Departamento de Antropologia da UFSC. Participou de Bancas Examinadoras de pós-graduação em Universidades de todo o país.

Sílvio Coelho dos Santos foi um antropólogo conhecido, reconhecido e respeitado em nosso país e no exterior. Participou de muitos congressos de antropologia no Brasil e em diferentes países. Ele e eu eramos, além de colegas, amigos. Estivemos lado a lado em diversos eventos internacionais de antropologia, tais como em Congressos Internacionais de Americanistas e da União Internacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas, na Holanda, nos Estados Unidos, no México e na Suécia com extensão até São Petersburgo, na Rússia.

Outro campo de ação indigenista de Sílvio foi a Associação Brasileira de Antropologia-ABA, entidade que presidiu (cf. acima) de 1992 a 1994 e foi membro da

Comissão de Assuntos Indígenas da entidade, em várias gestões. Seu período à frente da ABA foi fortemente assinalado pelo empenho em prol da defesa dos direitos indígenas, tendo, entre outras iniciativas importantes, sido publicado o livro “A Perícia Antropológica em Processos Judiciais”, Orlando Sampaio Silva, Lídia Luz e Cecília Maria Helm (Organizadores), Ed. UFSC – ABA – CPI/SP (1994).

Sílvio Coelho dos Santos é autor de uma obra volumosa no campo da História e, principalmente, no da Antropologia, tais como: “Índios e Brancos no Sul do Brasil – A dramática experiência dos Xoklég” (1973), “Nova História de Santa Catarina” (2004), “Os índios Xoklég: Memória visual” (1997), “Memória do Setor Elétrico na Região Sul” (Org.) (2002), “São Francisco do Sul – Muito além da viagem de Gonneville” (Org.) (2004), “Memória da Antropologia na Região Sul” (em coautoria com Cecília Helm e Sérgio Teixeira (2006), “O Índio Perante o Direito (Ensaio)” (Org.) (1982), “Sociedades Indígenas e o Direito – Uma questão de direitos humanos” (Org. ao lado de Dennis Werner, Neusa Bloemer e Aneliese Nacke) (1985), “Santa Catarina no Século XX” (Org.) (1999), “Educação e Sociedades Tribais” (1975) e “Ensaio Oportunos” (2007).